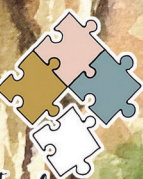


CRÔNICAS, CARTAS E POEMAS



Integrar

REGINA CARIA CAMPOS



CRÔNICAS, CARTAS E POEMAS

REGINA CARLA CAMPOS



Fortaleza - Ceará
2024

Autora:

Regina Carla Campos

Editor:

Kerginaldo Luiz Freitas

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Ciro Mesquita de Oliveira (UECE)

Prof. Dr. Érico Ricard Lima Cavalcante Mota (UFMT)

Prof. Ms. Kerginaldo Luiz de Freitas (UECE)

Profa. Ms. Kildilene Carvalho Matos Mota (UFC)

Prof. Ms. Marcus Vinicius Franco Pompílio (UFRJ)

Profa. Dra. Maria Cleidiane Cavalcante Freitas (UECE/IFCE)

Profa. Dra. Maria Aires de Lima (UECE)

Prof. Dr. Roberto Antônio de Sousa da Silva (UFRJ)

Profa. Dra. Stephanie Barros Araújo (UECE)

Responsável Técnica:

Pricylianna Cássia Morais Soares

Arte e Contracapa:

Luiz Arthur

Revisão Gramatical:

Profa. Dra. Francisca Luciana Sousa da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C198c Campos, Regina Carla.

Crônicas, cartas e poemas [recurso eletrônico] / Regina Carla Campos. – Fortaleza: Editora Publicações Integrar, 2024.

E-book no formato PDF.

ISBN: 978-65-01-10172-9


DOI: 10.29327/5414732

1. Crônicas. 2. Cartas. 3. Poemas. I. Título.

CDD B869

Elaborado por Pricylianna Morais - CRB-3/1623

Reprodução proibida. Art 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998. Todos os direitos reservados.



Dedico este livro aos que fizeram parte da minha trajetória. Os descritos em algumas crônicas ou cartas e os não-descritos, não menos importantes, contudo muito amados.

Meus pais, Idalécio e Beta

Meu irmão Reginaldo, *in memoriam*

Meu irmão Regivando

Minha cunhada Cláudia

Minhas sobrinhas Larissa e Letícia

Meu sobrinho João Levi

Meus parentes, amigos e demais
conterrâneos.



“Se pude enxergar mais longe, foi porque me apoiei em ombros de gigantes.”

Isaac Newton, em carta para
Robert Hooke, 1675



PREFÁCIO

Cartas, crônicas e poemas

Já faz alguns anos conheci uma rainha. Fina no trato, elegante, gentil, hábil tai chi. Além disso, canora artífice, cuja voz ganha outra textura, dessa vez escrita, ou melhor, outra vez escrita, já que não se trata de sua primeira publicação. De forma afetuosa e não menos hábil, Regina Carla Campos reúne cartas, crônicas e poemas, nos quais traz à luz relatos de infância, causos de família e reminiscências outras, além de apurado senso estético e crítica social. Prima pela delicadeza, que lhe é própria, sua gentileza se estende até nas lembranças. Arrisco chamar de memória alquímica, pois guarda, burila, por vezes cava ou peneira em grotões e faz brotar verdadeiras joias.

Em “Lembranças”, por exemplo, brinda o leitor com a frase “A rua era só silêncio, enquanto nossas vozes ecoavam”. É o texto que abre o primeiro bloco. Outra voz ecoa, em outro tom, no conto “Cadeia alimentar”, com belas sequências narrativas e descritivas, frases lapidadas sem perder a simplicidade e um desfecho que faz bom uso do jogo sonoro: “O ninho, na falta de seus

habitantes, sofre a ação do vento, desfaz-se. O bem-te-vi, alheio ao que provocou, entoa, ao amanhecer, seu canto trissilábico: BEM-TE-VI.” Quanta sutileza e primor. Impressiona seu olhar para o outro e para outras formas de vida, das quais, muitas vezes nos apartamos. E que lindo quadro, pungente, mas não menos poético, de “Choro-canção”:

Encerrava-se um ciclo. Acompanhamos a rotina da espécie. Observamos parceria pautada em fidelidade e cumplicidade. Uma vez interrompida, a companheira, em sua solidão, entoa um chamado, um canto que, de tão doído, soa-nos como choro.

O retrato natural, para remeter à querida Cecília Meireles, dá lugar ao retrato ou drama social, ora com mais leveza, ora com mais melancolia. Assim é nos textos “Do adorno de cabeça”, sobre o bairro José Walter; “Somos todos paraibas”, que remete à fala xenófoba do então presidente em 2019; “No meio do caminho, Lassie”, em que estabelece um diálogo profundo com Drummond, crônica sensível, denúncia social, muito tocante; Em “Grande é a messe”, o título bíblico contrasta com a epígrafe de Dante, imprimindo o mesmo teor ao texto, alusivo à sua transferência para nova agência da Caixa Econômica Federal: “Saí numa segunda-feira como se tivesse vivido a semana inteira.” E mais adiante:

Deslumbrada? Não! Não há deslumbre, contemplação ante as necessidades. Há o reclame por políticas públicas dignas, mais emprego, preservação da instituição pública e do patrimônio público. Há, sobretudo, a valorização do outro, o companheirismo, o ente maior: o humano.

Humanista por vocação, Regina volta seu olhar para o próprio espaço - da casa, do quintal, das memórias - sem perder de vista o Outro e outros seres. Em “Pachamama”, pontua falas de Aílton Krenak, primeiro indígena a ingressar na Academia Brasileira de Letras em 5 de abril deste ano. A íntima conexão com a terra, ou Terra, faz despontar a seguinte frase: “No húmus, as minhocas serpenteiam”. “Ancestralidade: genética, costumes, vivências e aprendizados”, relato memorialístico e autorretrato da artista, assim arrematado: “Nas artes, sou a música, o canto, e a pintura. Sou a palavra e o resgate para os que me sucederem. ”

Seguem-se cartas e poemas de Antônio Falcão, e a resposta sobre talento, estima e amizade; Em “Carta de despedida na Caixa”, com menção a dois homens raros: Khalil Gibran, filósofo, escritor, poeta e pintor libanês, e Pe. Júlio Lancellotti, ativista dos Direitos Humanos vinculado à Pastoral da população de rua em São Paulo.

Este bloco reúne, em sua maioria, cartas póstumas a parentes e amigos, com destaque para a “Carta ao

primo Daniel Campos de Menezes”, que traz a seguinte imagem: “Um menino varrendo a calçada no Conjunto Ceará”; a “Carta a tia Neide (“Eu sou o intervalo entre o meu querer e o que a vontade dos outros fez de mim”, Álvaro de Campos/Fernando Pessoa).

Fechando o bloco de textos: “Fabulosa carta de um vira-latas”, em que Regina exercita o olhar canino e dá voz a Flok, um vira-latas adotado pela destinatária da carta.

Que mais dizer? Agradecer, imensamente, pelo prazer de ler cada texto, a compor mais um mosaico dessa artista múltipla, alguns gerados recentemente, frutos amargos da pandemia, outros, apesar disso, doces ao paladar. Há também aqueles retirados das gavetas ou baús de sua infância em Pereiro, adolescência e vida adulta em Fortaleza, viagens, vida profissional e luta sindical. Sem dúvida, um aprendizado, remetendo dessa vez a Clarice, uma imensa alegria.

Luciana Sousa

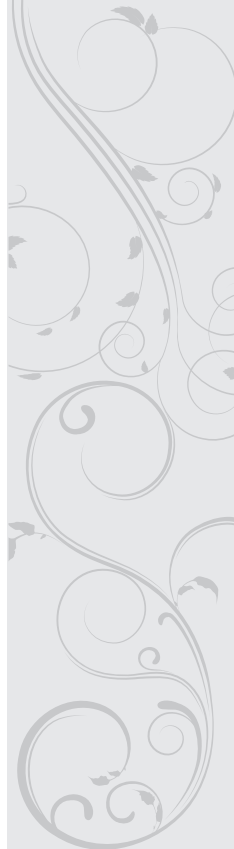
Cascavel, 18 de abril de 2024



SUMÁRIO

CRÔNICAS	15
Lembranças	17
Solo sagrado	20
Cadeia alimentar	21
Choro-canção	23
Do adorno de cabeça	25
Um salto para Foz	29
Rio de Janeiro: dos arcos às ondas verdes do mar	32
Grande é a Messe	35
Somos todos paraíbas	38
No meio do caminho, Lassie	40
Pachamama	42
Ancestralidade: genética, costumes, vivências e aprendizados	44
CARTAS	49
Carta de Antônio Falcão	51
Carta de despedida na Caixa	53
Carta ao amigo Vítor Ribeiro Neto	55
Carta ao amigo Marconi Basílio Torres	56
Carta a Tio Gileno Miranda Pinheiro	57

Carta ao Primo Daniel Campos de Menezes	59
Carta a Tia Neide	61
Carta ao sobrinho João Levi	63
Fabulosa carta de um vira-latas	67
POEMAS	69
Pássaro Íntimo - Antônio Falcão	71
Réplica ao Pássaro Íntimo de Antônio Falcão ...	73
O meu aniversário – Antônio Falcão	74
Saudação de parabéns a Antônio Falcão	76
A vida como dantes	77
Luciana Sousa	79
Regina Carla	81



Solo sagrado

Peru, cidade no colino, tal
 al Atenas, a ~~aerópole~~ grega. ^{Taneis}
 cidade de guerreiros, de homens
 mulheres ^{sesta-feir}

CRÔNICAS

terra fértil, com virtude. A gente q
 se encontra seu papel no mu
 cultivar uma vida honrosa.

Terra de gente hospitaleira, com
 atividade ancorado no trabalho,
 os seus ofícios, na agricultura,
 o comércio, mas também nas
 tes, na educação.

Solo sagrado, mesmo para os q
 se afastam a fim de embrenha
 em outros horizontes, mas q
 em consigo um fio de ouro



LEMBRANÇAS

A ideia da realização de CD, disco por título Lembranças, surgiu em virtude de datas comemorativas em minha família: setenta anos de papai, sessenta e cinco de mamãe e quarenta anos da união destes que nos deram a bênção de sermos seus filhos.

A seleção das músicas ocorreu quando embalados para ninar por Idalécio, meu pai, a *Lua Branca*, por testemunha, a refletir em nossa casa, eu e Reginaldo adormecíamos ao som de sua voz.

Mamãe, Beta, não se fazia de rogada. Enriquecia nosso repertório e nos alfabetizava. Com uma carta de ABC e uma tabuada, em pouco tempo nos habilitava para o colégio.

Veio Regivando. A família, oriunda de Pereiro, que já havia percorrido por *Estradas do Sertão* (Iracema, Ererê, Jaguaribara), por ser, papai, ex-funcionário dos Correios, mudou-se para Fortaleza. Papai assumiu no IAPAS.

Tempos difíceis! Mamãe, munida de sua máquina de costura, complementava o orçamento.

Crescemos. Continuei cuidando do repertório, do legado de Idalécio e Beta, e agreguei novas músicas. Nas noites de pane de energia elétrica, eu e mamãe

entoávamos canções em nosso jardim. A rua era só silêncio, enquanto nossas vozes ecoavam.

Onde a fonte rumoreja, Regivando e Cláudia deram origem a uma nova geração: Larissa.

Meses depois perdemos Reginaldo. Perdemos seu sorriso! Nossas vozes emudeceram e deram espaço às *Lembranças: um olhar, um lugar, um paraíso...*

Em férias, nas noites frias de Pereiro, ficávamos, os dois, eu e Reginaldo, no patamar da Igreja a contemplar parte da cidade logo abaixo; ao longe o Monte com o Cristo a acolher o seu povo (de Pereiro), e no sentido oposto a parte alta da cidade, a rua de cima. Percorrer por suas madrugadas não oferecia perigo, pois se podia deixar a porta de casa encostada para estes notívagos, quando resolvessem se recolher.

Meu irmão, você foi providencial! Expressão sua quando se dirigia a mim, em manifestação de orgulho.

Ah, se eu pudesse *Corria a natureza e acabava com a nossa tristeza*.

Para a *Paz do nosso amor*, surge uma outra Rosa, Letícia.

Ainda que, com a perda irreparável de meu irmão, com a chegada de mais esta pequenina, agarramo-nos a cada momento. Descobrimos novos valores, buscamos a união. Resistimos!

Concentramos nossa atenção em cada membro da família, principalmente nas garotas, acompanhando

cada palavra, cada gesto. De certa forma, repassamos nossas afinidades, o amor às nossas ideias, ao canto, ao esporte, a fim de que deem o máximo de si mesmas.

Com Ternura e graça, às vezes, ouço-as cantando:
“Fiz uma casinha branca lá no pé da serra...” “Canta, tia!”
Gritam.

Amados meus, *nesses pouco ou quase nada eu lhes disse o meu amor*. O meu amor e a nossa saga.

Com carinho,

Cacá

Dez/2006



SOLO SAGRADO

Pereiro, cidade na colina, tal qual Atenas, a acrópole grega. Cidade de guerreiros, de homens e mulheres de valores nobres. Terra fértil em virtude. De gente que busca encontrar seu papel no mundo e cultivar uma vida honrosa.

Terra de gente hospitaleira, com identidade ancorada no trabalho, nos seus ofícios, na agricultura, no comércio, mas também nas artes, na educação.

Solo sagrado, mesmo para os que dele se afastam a fim de embrenhar-se em outros horizontes, mas que levam consigo um fio de ousadia, de impetuosidade, de sabedoria e amor filial: O orgulho de ser filho de Pereiro.

Terra de Campos e de Martins, de Araújo, Brígido, Carvalho, Cavalcante, Dantas, Dias, Falcão, Ferreira, Gabriel, Holanda, Lobo, Maia, Matias, Morais, Moura, Nogueira, Pinheiro, Santos, Silva, Sousa, Vasconcelos, Víctor e tantos outros.

Como disse o cantador François Silvestre: “Só é cantador quem traz no peito o cheiro e a cor de sua terra, a marca de sangue de seus mortos e a certeza de luta de seus vivos.”

A cantadeira, conterrânea

Regina Carla Campos

Ago/2012



CADEIA ALIMENTAR

Na lateral da casa, jasmins-laranja servem de abrigo para o ninho de rolinhas. Contamos com esta, sete gestações. Desde a postura dos ovos até o corpinho coberto pela penugem, processo de proteção e alimentação, dois novos pássaros alçam voo e já decoram o azul do céu, ou já nos visitam no quintal, junto aos demais pardais, bem-te-vis, para a ceia que lhes oferecemos: comida cozida, arroz é o predileto, pão molhado, alpiste, painço e água.

No jardim, néctar para beija-flores e sibites ou vespas. Estas também são responsáveis pela polinização, deleitam-se com a água colorida e por ser fonte de energia, logo produzem um marimbondo no telhado próximo. Sozinhas são inofensivas. Em comunidade tornam-se fortes e antes que percamos para o grupo, dissolvemos a organização.

Sobre a muralha, e/ou escondidas sob jarros, lagartixas à espreita de insetos. Miméticas, acrobatas, pescoço erguido. Sorrateiras, quando o melhor amigo do homem aparece, Bisteca. Cachorro dócil, ágil e observador de sua possível presa, desejoso de um corpo em queda livre.

Nos pinheiros ciprestes, tuias, o sibite fez morada. Construiu seu ninho. Depositou não só os ovinhos, mas

a esperança de vê-los vingar. E vingaram, mas o ciclo não completou. O consumidor secundário, o predador, o bem-te-vi, da família dos tiranídeos, tirano foi. Do alto do fio de energia mirou sua vítima. Voo rasante, em seu bico levou um filhote, o outro, remanescente, caiu no chão e, ainda que implume, ensaiou voo para longe. Vaga com a mãe no jasmim-laranja. Para seu lar não retornaram mais.

O ninho, na falta de seus habitantes, sofre a ação do vento, desfaz-se. O bem-te-vi, alheio ao que provocou, entoa, ao amanhecer, seu canto trissilábico: BEM-TE-VI.

Out/2012



CHORO-CANÇÃO

Uu, uu, uu, gorjeia uma rolinha à procura do(a) parceiro(a), postada ora na cumeeira da casa, ora nos fios, no entorno de sua morada. Gorjeia desde a aurora ao crepúsculo.

Onde estará o(a) companheiro(a)? Por que não ouve seu canto, seu lamento? Este(a) que dividiu a construção do ninho, que foi provedor(a), que dividiu a vigília e o afago aos filhotes, quando ele(a) se ausentava para se alimentar e o/a deixava na função de guardião(ã) dos rebentos.

O que motivara a deserção do ninho após treze posturas? Destas, onze bem sucedidas. A penúltima, filhotes ceifados por algum predador noturno e a última pelo abandono, dada a ausência de seu parceiro(a). Cremos ser a fêmea, porque ainda aquecia os futuros filhotes quando sentiu fome e falta do parceiro na divisão da tarefa e pôs-se a chamá-lo.

A causa:

Manhã de domingo, uma rolinha repousa à sombra do jasmim-laranja. Há comida e água. Nada degusta ou sorve. Estaria farta? “Tornara-se mansa na presença dos habitantes da casa”? Como previra mamãe. “Não! Estaria doente?”, como dissera papai, porém vencido ao afirmarmos que o pássaro já estava acostumado ao

ambiente e ei-lo manso. Minutos depois meu irmão observa: “ah, a rolinha está morta” e recolhemos o corpinho sem vida.

Encerrava-se um ciclo. Acompanhamos a rotina da espécie. Observamos parceria pautada em fidelidade e cumplicidade. Uma vez interrompida, a companheira, em sua solidão, entoava um chamado, um canto que, de tão doído, soa-nos como choro.

Fev/2013



DO ADORNO DE CABEÇA

Distante do centro de Fortaleza, após o perímetro urbano da metrópole, o residencial JW surgiu. Zé Walter, Joseph Walter, alcunhas para o conjunto habitacional denominado José Walter, em homenagem a um ex-prefeito de Fortaleza.

Casas conjugadas, muros baixos, de igual edificação, quem aqui chegava se perdia, pela semelhança das residências. Com o passar dos anos, remodeladas à mercê de seus moradores.

Lendas marcam sua fundação. Conta-se que, como as casas eram iguais, ocorria de um morador entrar em domicílio alheio e se deparar com uma mulher que não era a sua.¹ Diz-se, ainda, que o bairro era distante, servido somente por uma linha de ônibus e as pessoas diziam: “Isso aqui é lugar pra corno.”²

Outra lenda ronda o imaginário da população. Por ser, no início, um bairro hostil, sem água, sem vegetação, sem segurança, os moradores plantavam castanholeiras e criavam cachorros. Assim, dizia-se que em cada casa havia 3C: “um pé de castanhola, um cachorro e um corno”.³

De cidade dormitório a cidade comercial. De lugar pacato, em que o silêncio era rompido pela música alta que ecoava à meia parede e importunava o vizinho.

Da criança brincando de bola na rua, que ao chutar caía no jardim alheio. Das comadres nas calçadas e das conversas. Das mercearias abertas aos clientes, onde estes faziam suas provisões e anotavam a dívida em caderneta para quitá-la em data posterior.

Dos vendedores ambulantes a anunciarem seus produtos: o figueiro, a cavalo, batendo no caixote: “olha o fígado”; o vendedor de picolé; e o tilintar de um triângulo pelo seu executante indicando o Chegadinho: iguaria feita de goma, água e açúcar, semelhante à casquinha de sorvete, acondicionada em tambores metálicos.

De suas escolas municipais, estaduais e particulares e seus professores respeitados em sua missão. Do Hospital Gonzaguinha, do CSU - Centro Social Urbano - palco de tantos eventos, reuniões de associação, berço de tantos artistas, uns que aqui ficaram para enobrecer o recanto, alguns que singraram para outros mares ou outra dimensão.

De bairro humilde cantado em versos como:

“José Walter, bairro que me seduz

De dia falta água

De noite falta luz

A casa que não tem corno

É milagre de Jesus.”

Com o passar dos anos tornou-se pitoresco, caricato e cultural. Alguns dos habitantes foram identificados como ícones dentro dos movimentos populares e artísticos, o que os credenciava a líderes comunitários.

O que antes fora motivo de humor, para caracterizá-lo como bairro dos cornos, dissolveu-se. A distância do centro da cidade e de outros bairros foi reduzida, ante o fluxo intenso de suas linhas de ônibus e demais meios de transporte, e os inúmeros empreendimentos o tornaram independente do polo comercial de Fortaleza.

Encerro o resgate do que estruturou nosso bairro e suas mudanças. O que me trouxe memórias adquiridas pela experiência ou por fontes escritas e orais.

Pela similaridade de afetos, de sentimentos, transcrevo versos do poeta Plácido de Oliveira, do poema O meu bairro:

No meu bairro...

De noite soava o grito

De serenatas marcadas

O amor era manuscrito

Em cartas desesperadas

Os olhos tinham fome

De encontrar um coração

Cada rosto tinha nome

Em cada corpo um irmão

O meu bairro era um bairro comum...

A leiteira trazia o despertar

O padeiro vendia fiado

O amolador passava a apitar

E o carpinteiro vivia ao lado

A todos sua importância

Com todos eles cresci

Foi deles a minha infância

Sou deles o que aprendi

Texto produzido em Out/2013, refeito em Abr/2024.

1 e 2 Fama de bairro dos cornos

Fonte: O Povo nos bairros – 22/10/2012

3 Informação de meu pai, Idalécio Campos



UM SALTO PARA FOZ

Nossa jornada tem destino a Foz do Iguaçu. Quatro colegas de trabalho: Elindaura, Lena, Maria de Jesus e Regina Carla. Conexão no aeroporto Galeão, Rio de Janeiro. Dirijo-me a uma funcionária que passava no corredor e pergunto: Onde fica o portão de desembarque de bagagens? Ao que me responde: “Não sei, sou nova aqui.” Leigas, não sabíamos que a conexão não tem desembarque de bagagens.

Ao chegar a Foz, o encantamento: visão aérea de terras extensas, verdes, clima diferente do equatorial, só não contava que a alergia se instalara durante as horas de voo, devido ao frio do ar condicionado e do casaco do passageiro ao lado. O que me abateu no primeiro dia, quando visitaríamos o Bar de Gelo e Duty Free na Argentina. O Bar de Gelo é uma sala-freezer com esculturas da fauna e flora, assento, copos, tudo em gelo. Permanência, 30 minutos. No Duty Free, como chegamos num feriado, permanecemos 2h:30min na fila em direção ao caixa. Lembrei-me do texto Passeio socrático, de Frei Betto, ao citar Sócrates: “Estou apenas observando quanta coisa existe de que não preciso para ser feliz.”

Precisava de um banho quente, de repouso para me restabelecer. Assim foi, para no dia seguinte

desbravar, desfrutar cada momento de nossa programação: Parque das Aves(resgate e abrigo para aves, educação ambiental), almoço no restaurante Porto Canoas, que possui um deque debruçado às margens do Rio Iguaçu e visão para a Garganta do Diabo, catarata no lado argentino; Macuco-Safári (eco-aventura, passeio pela selva do Parque Nacional do Iguaçu), seguido de passeio de barco nas cataratas do lado brasileiro.

Dia seguinte city-tour pelo Marco das três fronteiras (Brasil, Paraguai e Argentina), Templo budista e Mesquita. Em direção à casa de câmbio, uma das companheiras, Eli, torceu o pé. Empenhamo-nos, ela muito mais, para que a dor logo desaparecesse, pois tínhamos muito a comemorar, era seu aniversário.

À tarde, passeio em Itaipu. Visão panorâmica, antes um passeio virtual pela história da construção da usina e atividades sócio-ambientais desenvolvidas. Usina binacional, Brasil-Paraguai. Em Guarani, Itaipu é a pedra que canta para os povos. À noite, restaurante Rafain com jantar e show de cultura dos países latino-americanos: Paraguai, Argentina, Chile, México, Brasil...

Dia seguinte, Cataratas argentinas. Vista mais próxima das cataratas, trilhas sobre e/ou abaixo das quedas, uma delas a Garganta do Diabo. Nossa amiga Eli não percorreu a trilha, retornou a um ponto de apoio. Percorremos até o fim e para nosso deleite um banho próximo às quedas. À noite, a levamos ao hospital, solidárias a sua dor e na esperança de vê-la recuperada.

Na manhã seguinte iríamos às compras no Paraguai e pedimos que não nos acompanhasse. Tomaria o analgésico e descansaria.

À tarde passeio no catamarã para ver o pôr do sol. Momento para outras belas fotos, para refletir, deliciarmo-nos com a extensão do rio e da noite que se aproximava e nos brindaria com a beleza do ocaso, e a lua surgindo esplêndida. Logo mais, cruzaríamos a fronteira argentina para ver a feirinha na cidade de Puerto Iguazu, em Província de Misiones. Degustamos empanadas, bandeja de frios e um vinho.

Foz do Iguaçu, patrimônio nacional, uma das sete maravilhas do mundo. Encanta pelas inúmeras cachoeiras, mirantes, fronteiras, diversidade de culturas e línguas.

Maio/2014



RIO DE JANEIRO: DOS ARCOS ÀS ONDAS VERDES DO MAR

Como relatar uma viagem de tão poucos dias? Partilhada com boas companhias. Estada em uma cidade onde há muito a explorar. Reverenciada por poetas e por quem a visita. Ah, corro o risco de não ser fiel. Compreensível para quem ousou conhecê-la.

“Minha alma canta, vejo o Rio de Janeiro...”¹ Fim de tarde, aeroporto Galeão, RJ, temperatura amena. Estamos em abril.

Contudo, antes, teço elogios a nossa cicerone, Lília, pela companhia, simplicidade, desapego, por vezes ávida com o tempo e com o cumprimento de nossa programação. Sorriso largo, “conquistas”, conversas. Desde o aeroporto, onde auxiliamos u’a mãe com sua bebê, bagagens e carrinho. Nada intencional, senão pela gentileza, gratificada pelo esposo que, ao recebê-las, de pronto nos levou ao hotel. Coche e guia, posto que usufruímos do transporte e do citytour.

Ainda acerca da espontaneidade de Lília, a habilidade em fazer amizade com motoristas e trocadores. Pedir-lhes informação quer em solo, quer dentro do transporte; chegando a enfileirar vários ônibus, quando, à porta de um, se detém em pergunta

¹ Tom Jobim

sobre a rota. Dei-me conta de que Lília era uma mulher de “parar o trânsito”. Se dentro do transporte, pedia-lhes para realizar um reconhecimento histórico e turístico da cidade, ao custo de R\$ 3,40 a passagem de ônibus. Por vezes nos indicavam algum monumento, em outras mantínhamos uma boa conversa.

Mas, sua extroversão foi interrompida na ida a Petrópolis. “A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida.”² Sua amiga, que mora nos Estados Unidos e estava no Rio, e conosco iria à serra, não confirmou aquisição de passagem, no dia anterior, com nosso parceiro-assessor Marcelo, e sua passagem não foi comprada, vindo a indagar, por telefone, se esta fora adquirida. Lília tentou uma vaga, mas era tarde. O ônibus estava com sua lotação fechada.

Teço elogios ao amigo citado, Marcelo, pela confiança, humildade, presteza. Este que com a “bike” do projeto de bicicletas públicas, implantado na Zona Sul do Rio, percorreu a orla de Copacabana, Ipanema, Lagoa Rodrigo de Freitas. Esta possui perímetro de 7,8km. Próximo à lagoa, no bairro Jardim Botânico, fica a estátua de Abelardo Barbosa, o Chacrinha.

Rasgados os confetes, voltemos ao nosso tema, Rio de Janeiro. Em nossa primeira noite, assistimos a um espetáculo. Teatro Leblon, peça Barbaridade. Drama, música, dança e humor. Aclamada de pé. Fim de noite,

2 Vinícius de Moraes

passeio nos Arcos da Lapa, local boêmio. Nos tempos do império, aqueduto da cidade.

Em Petrópolis, museu imperial, catedral, casa de Santos Dumont e compras na rua Teresa. À noite, de volta ao Rio, orla de Copacabana, a “princesinha do mar”.³ Seu famoso calçadão, as estátuas de Drummond, Dorival Caymmi e mais à frente, Ipanema, onde consta estátua de Tom Jobim.

Dia seguinte, Praça XV de novembro, localizada no centro do Rio. Em seus arredores se situam a estação das barcas, o Palácio Tiradentes, a Assembleia Legislativa, o Paço Imperial, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo e sua conjugada Igreja da Ordem Terceira do Carmo, Igreja da Santa Cruz dos Militares, mui belas, e Confeitaria Colombo, datada de 1894. Na estação das barcas, rumamos às ilhas de Niterói e Paquetá. Destas, tem-se uma bela vista da natureza e de além-mar.

Atravessamos não só a baía da Guanabara. Atravessamos algumas teimosias e ansiedades, sobretudo contribuímos para o bem-estar do outro, para o crescimento pessoal e responsabilidade com o coletivo.

Abril/2015

3 João de Barro (Braguinha) e Alberto Ribeiro



GRANDE É A MESSE

“Deixai, ó vós que entraís, toda a esperança!”

Inferno, 3-9, Dante Alighieri

“Vamos abrir as portas da esperança!” Assim a nossa gerente, Gerlânia, inicia os trabalhos na agência Messejana. Tudo novo para mim: sistemas, ambientes, acessos, arquivos, programas sociais... Algo que viria a se tornar rotina, mas a cada dia um aprendizado, e logo substituir a unidade anterior, que fora vivida intensamente por 28 anos, o FGTS. Substituída em exercício de atividades, pois era necessário. Um ciclo se fechou. Abracei o novo.

Meu primeiro orientador, Fernando Coutinho, o Fê, e os demais: Marthinha, Robério, Henrique, Wilma, Marlem, Marjorie, Rodolfo e Gerlânia. Quão pacientes têm sido comigo. Abusei e abuso do conhecimento de cada um. O medo vai se dissipando. Não de todo! Porque lidamos com valores, necessidades e sentimentos. Clientes, em sua maioria, carentes, que dependem de um programa social, e fazem deste o seu sustento ou complemento de seus ganhos. Ou ainda, pelo número de pessoas a nossa frente, e urge que cumpramos o atendimento, sem queda na qualidade do serviço, pois pode implicar em prejuízo para o cliente, ou para o funcionário, que responde administrativa ou financeiramente.

A agência atende adjacências do bairro Messajana. Não tem segunda-feira ou começo de mês, ou isto, ou aquilo, para considerar como dia mais movimentado. A fila de clientes se estende pelo oitão da agência, e as colaboradoras, Jamille, Fátima e Viviane, fazem a triagem. Muitos, ao chegar ao guichê, alegam: “Há tantas horas em jejum.” Parabenizam um ao outro quando sua senha é chamada, ou nos abordam: “Que hora chama essa senha?”; “Aqui não tem preferencial?”. O que para nós resta responder: “Aguarde no painel, por favor.” Todos querem ver seu pleito atendido.

Saí numa segunda-feira como se tivesse vivido a semana inteira.

Aliem-se, ao movimento diário, crianças a correr pelo salão, o choro das que são de colo, levadas por suas mães. Algumas destas mães, garotas, em busca do bolsa-família.

Vários são os motivos para que as crianças as acompanhem: o contingente de clientes e demanda no atendimento podem implicar em ausência prolongada de casa; ou pelas mães não terem a quem confiar a guarda de seus filhos; ou por estarem em período de amamentação; ou porque algumas crianças apresentam o Transtorno do Espectro Autista, TEA, definida, por lei, como *pessoa com deficiência*. Nos casos citados, por se tratarem de prioridade, o fornecimento da senha que lhes é devida, quando da triagem.

Observamos outras questões sociais. Faltam Educação, saúde, orientação e oportunidades.

Voltando ao corpo funcional. A copa é o nosso refúgio. Encontro alguns colegas dos outros setores, que aos poucos assimilo o nome: Cláudia, Thiago (“*Olá, D. Regina*”)... Encontro colo em Rosângela, a copeira; o sorriso de Wilker, ou Macaxeira ou Primo, o porteiro; Quirino e seu Edílson, os zeladores.

Vejo nos colegas o cansaço, pelas experiências vividas, mas garra e apoio incondicional de quem quer fazer o melhor e em grupo. “*Uma equipe que aprende.*”

Deslumbrada? Não! Não há deslumbre, contemplação ante as necessidades. Há o reclame por políticas públicas dignas, mais emprego, preservação da instituição pública e do patrimônio público. Há, sobretudo, a valorização do outro, o companheirismo, o ente maior: o humano.

Jun/2018



SOMOS TODOS PARAÍBAS⁴

Somos todos paraíbas, de cabeça-chata, que vivem a mesma “Vida Severina”⁵. Bons de arenga e que não arredam o pé numa peleja.

Somos todos paraíbas. Caboclos e caboclas que têm no seu linguajar entonações e expressões próprias, o que já nos rendeu um Dicionário de nordestinês. Algumas palavras que indicam admiração, ou dúvida ou indignação, como *Eita, oxe, oxente...*, ou ainda, afetuosas, como *mãinha e painho*.

Somos todos paraíbas, que em tempo de seca bebem água do mandacaru, se preciso for, sem fazer *munganga*, ou seja, sem fazer careta.

Nosso “prefixo” é: “*Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo*”. Nosso atendimento: “*Para sempre, seja Deus louvado.*”

Somos acolhedores. Em casa de caboclo não falta um quadro com santos ou retrato da família, uma cruz de palha benta pregada na porta da frente, um pote na forquilha com água fria bem dormida e, sobre este, uma bandeja com canecos de alumínio, bem lustrados com palha de arroz, para o sedento visitante se servir

4 Texto feito em virtude de pronunciamento xenófobo do então presidente, Jair Bolsonaro, de que todos somos paraíbas.

5 *Morte e Vida Severina*, livro de João Cabral de Melo Neto

e escutar o tibungo ao bater na água. Nosso terreiro é limpo com vassoura de garrancho. Temos bancos de tronco, presos em forquilhas, ou tamboretas, para um dedo de prosa puxar, em torno de uma coivara, mantida acesa com abano de palha de carnaúba. Assamos milho, queijo e carne⁶.

Se nosso visitante pernoitar, temos redes de punho com mamucaba. Na linha da cumeeira da casa, um ninho de rolinha. No canto da sala, por enfeite, uma cangalha e um jogo de caçua.

Durante sua estada, acrescentamos um banho no “*corguinho*” com bucha e raspa de juá.

Na despedida, um até logo, ao som do assobio do soinho, ou o canto trissilábico: *bem-te-vi, bem-te-vi*.

Ago/2019

⁶ Assim é em algumas casas simples do homem do campo, a exemplo a de meus avós paternos, conforme relato de meu pai ou mesmo observado por mim.



NO MEIO DO CAMINHO, LASSIE

*“Tinha uma pedra no meio do caminho.”*⁷ O excerto do poema drummondiano pode nos remeter a atitudes de outrem, diante de obstáculos, e se estes obstáculos forem um animal indefeso, uma cachorra. Remover o que parecia ser empecilho, ou contornar, ou esperar que saísse de seu caminho. Nenhuma destas opções foi a do condutor do carro. Passar sobre o que se interpôs no caminho e cometer o dolo foi sua ação.

Fim de tarde, como é de costume, meu pai se senta à calçada. Estávamos eu, meu pai, minha mãe e uma vizinha. Todos mantendo distância, em virtude da pandemia. Rua quase deserta, não fossem estes moradores, e os de quatro patas: alguns gatos e a cachorra Lassie, que havia saído para uma volta, liberada que fora por seu dono. Passa por nós um carro grande, Hilux, velocidade baixa, o que faz o condutor perceber que há um animal na estrada. Para. Como a cachorra não saiu, avançou sobre ela gradativamente. Em segundos assistimos à cena. A arrogância do humano, a agonia do animal e o barulho de ossos se quebrando. O motorista deu ré, desviou e seguiu, lento como dantes. Deixou a todos em polvorosa e o animal arquejando.

⁷ *No meio do caminho*, Carlos Drummond de Andrade

Tinha um animal no meio do caminho de Lassie: um motorista prepotente e insensível. Inumano, demasiado inumano.⁸

Diz-se que Ética é fazer o certo quando ninguém está vendo. Este foi antiético e na presença de todos.

*“Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.”⁹*

27/05/2020

8 Em oposição ao título do livro de Nietzsche – *Humano, demasiado humano*

9 *No meio do caminho*, Carlos Drummond de Andrade



PACHAMAMA

Em tempo de pandemia, reservada em casa e ante a vida de jubilada, aposentada, dei em podar as palmeiras, que já se debruçavam no quintal do vizinho. O que se encaminhou para ceifar as mais longas, com corte no meio do caule e, posteriormente, extração de suas raízes por profissional, e substituição por roseiras.

O sol encontrou espaço para iluminar e vicejar as palmeiras menores.

Sobre este solo, no canto de uma delas, tenho despejado cascas de frutas, cascas de ovos e resíduos de outros vegetais. Todos triturados. No húmus, as minhocas serpenteiam.

Hoje, dando continuidade à função de *“lenhadora”*, a palmeira que recebe resíduos me fez perceber um ciclo, como também, lembrar das aulas de Biologia, no ensino secundário. Com a produção de adubo orgânico e a chuva que tem caído, o solo está mais irrigado. Ao cortá-la, a seiva escorreu. Gotejou até umedecer o externo do caule. O que perdurou por quase uma semana. As demais não me despertaram a sensação que tive. Cumpriram sua jornada.

Quanto à lembrança das aulas de Biologia, como indicado anteriormente, a percepção e aplicação da definição de termos que não esquecemos. Na condução

da seiva, algo semelhante à pequena e à grande circulação sanguínea:

- Lenho ou xilema – tecido condutor da **seiva bruta**, das raízes até o ápice da planta:

- Líber ou floema – tecido que distribui a **seiva elaborada** e substâncias.

Mantenho-me desperta, porém a ocorrência sucede a uma entrevista com Aílton Krenak¹⁰, indígena, filósofo e ambientalista; próximo à reunião de Cúpula do clima, que tem como objetivo a defesa de direitos humanos e preservação do meio ambiente; e registro de um índice alto de queimadas e desmatamentos em 2020, sob anuência de um ministro do meio ambiente, que parece “submisso a organização danosa com desejo de liquidar a soberania ambiental.”¹¹

Geia ou *Gaia*, no grego; ou *Pachamama*, no quinchua, Inca, de *Pacha* – lugar, universo; *Mama* – mãe; logo, *Mãe-Terra*, nos abriga e nos ensina.

Conforme Aílton Krenak: *“Os homens tratam a Terra como se pudessem substituí-la, sendo que esta pode nos deixar para trás e seguir seu caminho.”*

Abril/2021

10 KRENAK – etnia; Kren = cabeça; Nak = terra; cabeça de terra.

11 Aílton Krenak



ANCESTRALIDADE: GENÉTICA, COSTUMES, VIVÊNCIAS E APRENDIZADOS

Nasci por mãos de parteiras, Laurinda e Vicência. Nas horas próximas a minha chegada, e minha mãe sem forças, meu pai recorreu a um médico na cidade vizinha. Ao chegar, aplicou-lhe injeção de forças e, após dois dias de sofrimento, vim ao mundo, de olhos acesos e cor de jabuticaba.

Era o recurso da época, parteiras, dada a pouca assistência médica no interior. Laurinda não conheci, mas sou grata pelas horas, tantas, com minha mãe. Vicência, cresci tomando-a por madrinha, bem como a sua filha Dilma, assim mamãe me ensinou. Morena, lábios grossos e um lindo sorriso. Ela me punha no colo e dizia que eu era sua filha. Ao encostar minha cabeça sentia seu calor, seu cheiro e seu corpo opulento. Esta cena ocorria sempre que eu ia a Pereiro.

Outras memórias afetivas existem, dos queridos e queridas que me antecederam, ou de minha ancestralidade. As amigas de mamãe: Josélia Moraes, professora, a quem me habituei a chamar de comadre Josélia. Maria Moreira, leitora, memória viva da história dos conterrâneos, e Socorro Pinheiro, sua parceira no trabalho no comércio.

Meus avós, maternos e paternos, respectivamente, discorro de vivência em período de férias.

Fim de tarde o ônibus chegava à cidade. Vovô Aderson se dirigia para casa. Eu corria para encontrá-lo no caminho. Moreno, alto e cabelos lisos. Caboclo, feições indígenas. Ofício? O que pudesse tirar o sustento: pedreiro, carpinteiro, sapateiro, barbeiro e *luthier* (fazedor de violão). As três últimas prevaleceram e as que o vi desempenhar.

Vovó Almerinda, morena e cabelos lisos. Traços indígenas mais evidentes que os de meu avô. Suas roupas: vestido de pala e solto pelo corpo. Como as demais mulheres de sua época: dona de casa e costureira. De poucas palavras, um sorriso, às vezes. Um semblante triste. Na cozinha, a pouca opção para a refeição me traz à lembrança a farofa escaldada com cebola roxa e uma carne cozida. O fogão a lenha, onde se detinha por horas, não só cozinhava o alimento, mas sua história: Filhos criados, 7, filhos infantes perdidos, 7.

Vovô Izaltino, pele branca, baixo, cabelos de neve. Agricultor. Postava-se à janela, na lateral da casa, no sítio, para olhar o entardecer, o infinito, após comer um prato de arroz vermelho por janta. A lida do lavrador começa cedo.

Vovó Mariinha, branca, pequena, cabelos gris encaracolados. Eu a avistava na janela da cozinha, ainda distante, quando cortava caminho pelos terrenos, de

parentes, que antecediavam o seu. Eu passava por cercas de arame farpado ou por cancelas.

Dela tenho mais memórias afetivas que de meu avô. Também dona de casa e costureira. Algo nos tornava mais próximas, sermos canhotas. Com ela aprendi a manusear utensílios universais para destros. A exemplo, o abridor de latas. O destro usa-o em direção ao seu corpo, nós o usamos para a frente.

O fogão a lenha sempre aceso. Aquecia a cozinha, onde a conversa fluía, ou para manter um torrão em brasa para acender seu cigarro de palha, ou cozer os sequilhos, “bulins” de goma, formados no corte por uma carretilha: instrumento de marcar tecido, com haste de madeira e círculo de metal com pontas dentadas.

Suas vestes eram um casaco e saia. Às vezes, um casaco de frio com bolsos. Lépidia, acocorava-se à porta para fumar. Ajustava a saia e lá estava a pequena.

Outro avô-torto era Mundinho Dantas. Primo de meu avô, ajudou a criar a família. Alto, branco e voz rouca. Passava o dia no sítio e à tarde ia para a cidade, para a casa das irmãs. Era repentista, em versos. Sua conversa era regada a rimas e comparações.

Por fim, meus genitores.

Papai, Idalécio, pele bastante branca e cabelos castanhos. Entre seus irmãos, uns louros e uma ruiva. Como seus antecessores, agricultor, no começo de sua vida laboral. Arrimo de família. Por um período,

operário, na construção de Brasília. Era o que reservava aos que ousavam sair de sua terra natal, em busca de recurso e com pouco estudo, pois na cidade não havia mais que o 4º ano primário. Posteriormente, um 5º ano, denominado admissão ao ginásio.

Largando a agricultura, arrumou emprego público, Correios e por fim IAPAS, área administrativa da Previdência.

Meu companheiro de ônibus durante meu período de estudo no 2º grau, hoje, ensino médio.

Assim nos proporcionou o alimento, a escola (mais no ensino público que no privado) e algumas vaidades: uma roupa, um perfume, um relógio...

Mamãe, Elizabete (*Beta*), pele um pouco morena, cabelos lisos, outrora pretos. Como suas antecessoras, dona de casa e costureira. Gerava o seu ganho e o complemento na renda familiar. A máquina de costura, linhas, agulhas e tesouras tiveram seu papel e em mamãe deixei encerrar. Apenas contemplo-as.

Por minha mãe fui alfabetizada. Aos 5 anos, ela me desvendou as palavras, cópias e ditados e as quatro operações matemáticas. Mesma orientação deu aos meus dois irmãos.

Suas mãos artrosadas contam muito de sua labuta.

Estes tornaram possíveis a minha existência e a minha essência. Agradeço a tantos outros parentes que me emprestaram a genética, costumes, vivências e

aprendizados, que no andar, no falar e no cantar dizem a minha origem e dizem quem sou.

Sou parte do uso de recursos extraídos da terra, alimentos, ervas e cascas de árvore cozidas, para cura de algo que nos tenha acometido.

Nas artes, sou a música, o canto, e a pintura. Sou a palavra e o resgate para os que me sucederem.

Junho/2023¹²

12 A inspiração, para descrever o meu caminho de volta, surgiu da leitura do livro virtual Guerreiras da Ancestralidade do Coletivo Mulherio das Letras indígenas, ANMIGA – Articulação Nacional Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade. Agosto/2022.

1976 - 1997

Carta a tia Neide

Tarde nos procurou, tia Neide. O rosto que outrora lhe dera o título de Rainha de beleza se enfiava a uma atriz de TV, que fora miss Brasil, já apresentava traços de uma jovem senhora.

CARTAS

1976 - 1997

Carta ao primo Daniel Campos de Menezes

Um menino varrendo a calçada no conjunto leava assim eu o vi aos 10 anos, aproximadamente. Conigo meu avô Reginaldo, que o perdoamos muito depois desta visita com você.



CARTA DE ANTÔNIO FALCÃO

Prezada amiga Regina Carla Campos, se já somos amigos no real, hoje, virtualmente e a pedido meu, ratificamos o nosso liame. Utilizo o ensejo para dizer do contentamento ao receber do seu apreço a esclarecedora resposta que me forneceu, adensada por algum elogio a este humilde amigo.

Pois bem. Quero voltar àquele agosto em que a vi desabrochando o seu talento de cantora, e conseguido empolgar a tantos conviventes daquele evento. E você, naquela oportunidade, não ficou na ribalta só pelo canto e o encanto afirmados na ocasião. A sua personalidade pragmática também se afirmou. Foi de ali que eu, entre outros, quis conhecer melhor a filha de Idalécio e de Beta, Regina Carla, estrela da noite e para os futuros dias. Não apenas a cantora, mas a toda cheia de caracteres, que, por tais e por outros fatores, deixariam quem gosta de boa gente interessado em amizade, para ter o deleite de contar no círculo amistoso com a presença de uma pessoa especial por si mesma, além de pertencer a duas famílias com que a minha tanto se afina.

Procurei, em anos posteriores àquele, reencontrar a Carla, não só a artista, mas, e principalmente, a ampla Regina Carla. Hoje, finalmente, e ajudado pela sua fineza, estou colimando o meu desejo. Tenho um

canal para ver e ouvir essa grada pessoa a quem chamo de AMIGA sem qualquer incerteza. E permita-me exclamar que é o fã diante do ídolo. Eu, o admirador, ante a admirada. Sirvo-me ainda da oportunidade para pedir que leve aos seus pais, aos seus tios, a sobrinhos, ao parceiro e a filho(s), caso os tenha, todo o meu acentuado respeito, com lances de saudade especial de Idalécio e Beta. Em você um amplíssimo abraço.

Obrigado!

RESPOSTA

Amigo Antônio Falcão, grata pelas palavras, ratificação de apreço aos meus e da arte que busco desenvolver. Se há talento é algo próprio de pereirense. Terra de pessoas hospitaleiras, sábias e virtuosas, como nossos conterrâneos, e de memória fértil, que têm por sobrenome Falcão.

A cantadeira

Regina Carla

Nov/2020



CARTA DE DESPEDIDA NA CAIXA

Agradeço a todos os colegas da Caixa, Associação e Sindicato. Tenho que me derramar em agradecimentos pelo carinho e apoio de todos, e no ser que nos transformamos.

A decisão de sair da Caixa envolve o momento na empresa, envolve desapego, esperança de que o melhor sempre virá, e que os profissionais que permanecem seguem o reto-caminho pela preservação deste patrimônio público, preservação dos colegas, de suas famílias, e antes das metas, o companheirismo.

Estou fazendo o percurso que muitos fizeram e eu assisti e senti. Nunca teremos a certeza da hora. É decidir e enfrentar a ruptura e pensar em continuar sendo produtiva e produtivo. Cumpri uma jornada. Devo retornar às origens e recomeçar. Aliás, tenho que exercitar tudo isto. Sou forte, em raras vezes, e frágil muitas vezes. Meus companheiros de jornada foram minha força.

Segundo O Profeta, de Kalil Gibran: *“Não ouvistes falar do homem que cavava a terra à procura de raízes e descobriu um tesouro?”*

Nesta busca eu encontrei um tesouro, os amigos,
companheiros: família Caixa.

E nas palavras de Padre Júlio Lancelotti: *“Força e
coragem. Não desanimem.”*

14/12/2020



CARTA AO AMIGO

VÍTOR RIBEIRO NETO + 03/09/2011

Por vinte e três anos desfrutei da amizade, do convívio, bebi da fonte de um homem sábio, humilde, honesto, lutador, com princípios. Tinha uma, ou mesmo, várias causas: igualdade, melhoria de condições dos menos favorecidos.

De um saber nato, sua política não era partidária, mas pelo ideal de liberdade de expressão, de produção, e estes objetivos o mantiveram ativo. Assim, conhecemos também o poeta, contemplador do belo, do que é simples, mas também um guerreiro, um destemido no uso das palavras.

De característica peculiar a grandes vultos, tanto física ou espiritualmente, comparava-o a Gandhi. Nada juntou para si, senão amigos, além de ter constituído com sua esposa, companheira amada, D. Zulmira, uma família numerosa.

Se há verdade no dito de que o homem deve plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro, ele cumpriu isto ao longo de seus 89 anos. Que seu legado, seus ideais, suas palavras, o respeito à natureza, se perpetuem e que saibamos levar uma vida honrosa.

Setembro/2011



CARTA AO AMIGO

MARCONI BASÍLIO TORRES +16/11/2013

“Olá, minha santa!” Assim era acolhida em sua casa.

Nas festas em família, se não o encontrava ao fogão preparando algo, encontrava-o pronto para receber convidados. Cômico, extrovertido, caracterizado com peruca para lhe cobrir não a calvície, mas para provocar risos e, quem sabe, interpretar um personagem que não fosse o Marconi pai, mecânico e sim o amigo, o anfitrião. Veia artística que seus filhos herdaram.

Assim, também, era a acolhida quando lhe oferecia carona até sua oficina, se se encontrava na parada de ônibus. Favor que, às vezes, lhe prestava, mas eu que era agraciada por tão boa companhia, boa conversa e proteção.

No percurso, divagações de sua mocidade na rua Visconde do Rio Branco, das lutas de boxe, da família e dos filhos. Sempre muito orgulhoso. Findo o percurso, diante de seu estabelecimento repassava o posto: “Deus te acompanhe”.

Nov/2013



CARTA A TIO

GILENO MIRANDA PINHEIRO + 28/II/2013

Bondoso, gentil, íntegro, acolhedor. Mais qualidades existem e sabemos que as tinha. Se defeito havia, era o excesso de bondade e humildade.

Cedo deixou sua família, após a união a sua esposa, tia Neninha, e fez desta a sua família. Não porque assim desejasse, deixar sua família de origem, mas as circunstâncias o fizeram, quando de suas passagens pelo interior para administrar uma agência do Correio. Constituiu não só a família com esposa e filha, agregou os que o procuravam e os acolheu em seu teto e fez de sua mesa uma *“ceia larga”*.

Em 58 anos de convivência familiar, foi não somente o genro e o cunhado. Foi pai, filho, irmão, tio e, mais recentemente, avô para seus sobrinhos-netos. Como seus sobrinhos não o denominariam carinhosamente, ao longo dos anos? *“Meu tio Gileno”*, por Reginaldo; *“padrinho Gileno”*, por Denílton; *“ô”*, por Pablo e Kaio.

Garboso, ereto, curvou-se ante o problema de coluna e esta o maltratou por anos a fio. Não fez de suas dores autopiedade, nem se curvou à piedade dos outros. De bengala a caminho da Igreja para a missa dominical ou a caminho de casa, ou para o terço dos homens, nunca se permitiu ser ajudado. Resistiu. Limitado, em

um de seus momentos chorou, por não cumprir estes compromissos.

Ainda que 83 anos tenha vivido, mesmo sem conhecer o autor e obra, assim seu pensamento seria: *“Mais servira, se não fora para tão longo amor, tão curta a vida!”*¹³

Requiescant in pace. (Descanse em paz)

Regina Carla

Nov/2013

13 Luiz Vaz de Camões – *Soneto 88*



CARTA AO PRIMO

DANIEL CAMPOS DE MENEZES + 12/06/2020

Um menino varrendo a calçada no Conjunto Ceará. Assim eu o vi aos 10 anos, aproximadamente. Comigo meu irmão Reginaldo, o qual perdemos algum tempo depois desta visita.

Convivi pouco com você. Não o acompanhei em seus anseios, suas dores, suas alegrias, seu jeito extrovertido, seu espírito de liberdade, ou caminhos trilhados.

Cedo se tornou cuidador de sua mãe, dada a depressão. Mas isto não era próprio para uma criança, quase adolescente, o que foi visto por seu pai, ao levá-los para junto de si em Brasília, você e sua irmã Sara. Como pai, confio que tudo fez para suprir sentimentos e contribuir para sua realização.

Menino bonito, você retornou a sua terra! Cuidou novamente de sua mãe e tentou fazer o seu caminho, ao seu modo e espírito livre, inquieto e intenso.

Algumas vezes tinha notícia suas, ou o destino nos aproximava. Numa rua próxima a sua, em frente à casa de minha tia, você parou o carro, desceu e falou: *"Eu conheço esta moça bonita."* Deu-me um abraço e deixou seu perfume. Talvez há pouco se alinhara para contemplar a vida.

O tempo é breve. Como disse Mário Lago: “*Fiz um acordo de coexistência pacífica com o tempo. Nem ele me persegue, nem eu fujo dele, um dia a gente se encontra.*”

Chegando, ou retornando porque esquecera algo, “*a indesejada das gentes*”¹⁴ o ceifou à porta de casa, numa tarde nublada de 12 de junho de 2020.

13/06/2020

14 BANDEIRA, Manoel, *Consoada*, in *Poesia completa e prosa*.



CARTA A TIA NEIDE +19/02/2021

Tarde nos procurou, tia Neide. O rosto que outrora lhe dera o título de Rainha de colégio ou semelhança a uma atriz de TV, que fora Miss Brasil, já apresentava traços de uma jovem senhora.

O corpo já se encurvara. Pelos anos, trabalho, dores e pela doença. O ar escasso de seus pulmões não lhe permitia andar com vigor, sequer carregar a pouca bagagem que trouxera de Manaus, quando a vi no aeroporto.

Começava seu périplo em busca de diagnóstico e cura. Pneumologista e cirurgião torácico, em virtude do derrame pleural. Tuberculose, pneumonia, câncer ou sequela de COVID? Exames de sangue, tomografia do tórax, *toracocentese* (aspiração do líquido), broncoscopia atestando neoplasia maligna; exame de escarro e biópsias negativas para CA e TB, mas ainda aguardamos a biópsia de BK (Bacilo de Koch). Ai, os protocolos. Corrida contra o tempo e nada conclusivo.

Seu corpo já não dava sinais de reabilitação. Deglutir já não conseguia. Excretar também não. O sangue lhe fugia e talvez já paralisava em algum órgão. O caso já não era mais clínico e sim hospitalar. Muito reticente, por medo de COVID e medo da solidão no hospital, postergava com paliativos: xarope, analgésico opioide e aerossol.

Um último exame, desta vez no HCC, hospital do câncer, 18/02, e pelo que me relatou em ligação: desmaio e não localização de veia. Com a voz trôpega e raciocínio atrapalhado, clamou pelos médicos que a atenderam no início e por algum remédio.

Você foi negligente? Medrosa para internação ou corajosa para aceitar a morte? Imaginou que se curaria?

Ao vê-la inanimada, perguntei-me o que fez de sua vida, Maria Elieneide Martins de Souza. Encontrei resposta em Álvaro de Campos/Fernando Pessoa: *“Eu sou o intervalo entre o meu querer e o que a vontade dos outros fez de mim”*.

20/02/2021

Em 03/2021, Syomara, sua filha, obteve o resultado do exame no HCC. Formação expansiva. Vários órgãos acometidos. Câncer.

Em 04/2021, resultado de BK, Bacilo de Koch, negativo para tuberculose.



CARTA AO SOBRINHO JOÃO LEVI

João, tentei escrever sobre você, mas resolvi escrever para você. Uma mensagem para uma criança, mas somente quando adulto entenderá o que relatei.

A emoção nos faz descrever os sentimentos e é o que você nos desperta. Cada dia uma surpresa, uma palavra, um carinho e respostas para nossas perguntas ao interagirmos.

O tempo passa rápido, por mais que o queiramos devagar. E você já está com quatro anos e meio, e estar com você é aproveitar este tempo. Sorrir, ensinar, aprender, cantar, desenhar, rabiscar, jogar, tocar instrumentos, aliás, fazer barulho; dispor objetos que enfeitem um cantinho pra chamar de seu: sua casinha de palha, como a vovó denominou, e nossa sala de música (um reservado no meu quarto, no qual seu pai colocou uma parede de madeira para minhas aulas de canto).

Antes de descrever suas doces travessuras, faço loas a tia *Neude*, Iraneude. Sua cuidadora, companheira, cúmplice, “*professora*” e contadora de estórias, desde seus primeiros dias. Desempenhou e desempenha bem todos estes papéis.

Quando bebê, eram seu cheirinho, sua beleza, seu sono, seu despertar e sons da fala que nos emocionavam. Depois, corpinho consistente, independente no andar,

iniciando uns diálogos, providenciamos brincadeiras. Colocava-o deitado nos meus braços, os seus abertos como asas de avião, e volteávamos na varanda. Rolávamos na grama. Marchávamos ou corríamos atrás um do outro. Deitava-o no piso molhado, com água e sabão, para empurrá-lo, e eu paralela para protegê-lo, até o espaço seco em que findava o deslize. Ouvíamos músicas infantis vendo os vídeos referentes a estas.

Ainda bebê, no meu colo, eu o apresentei o teclado. Depois, percussão, violão e bateria infantis. O objetivo era despertar o interesse pelos sons e pela música.

Sob orientação de sua mãe, memorizou as músicas *A casa*, de Toquinho e Vinícius de Moraes; *Aquarela*, interpretada por Toquinho, e *Semente do amanhã*, de Gonzaguinha. Comigo a audição de *A corujinha*, de Vinícius de Moraes, a escala musical, e aprendeu o jingle *Lula lá*, durante campanha eleitoral para Presidente da República.

João, na vida, e por alguns estudos, agregamos conhecimentos. Assim, observamos em você, como também em suas irmãs, quando crianças, as fases descritas, pela psicanálise, como Desenvolvimento da personalidade na infância.

Fase oral: engatinhar, levar objetos à boca, saciar-se e nutrir-se pelo aleitamento materno.

Fase anal: foi bem difícil. Você chorava, tinha medo de barulho, avião e helicóptero. Não queria ficar conosco:

vovô, vovó e tia. Enchemo-nos de perguntas, nós e seus pais, e como proceder na resolução destes conflitos.

Logo descrevo a próxima fase e findo aí, pois você está em desenvolvimento e, no momento, com quatro anos e meio, como já citei. Uma pausa para relatarmos seu início na escola. O mundo além dos parentes, dos muros da sua casa e da casa dos avós. Preparado para a socialização: fardado, com mochila, sandálias, cabelo molhado e penteado. Um mimo, diante dos pais.

No decorrer do ano seguinte, me escalei para participar da escolta deste infante. E você, ansioso, chegava em nossa casa: *“tia, cheguei; tô pronto.”* Mais que depressa eu acionava o carro e conduzia *“o príncipe”*. Você conquistou os colegas. Sua amiga Cecília o recebia com abraços.

E as palavras se multiplicaram. Também o raciocínio lógico, pois seu pai colocava-o ao lado dele nas atividades, nos consertos, e o *“ajudante”* fluía em conversas e descobria os nomes das ferramentas. Desenvolveu, também, gostos próprios na refeição. Um exemplo, a rapadura, que o vovô não permitia faltar.

Retornando às fases. *Complexo de Édipo*: Por termos um vínculo mais forte, dentre os parentes, direcionou para mim seu impulso amoroso, inconsciente. Se não me encontra, ao vovô pergunta: *“ela está?”* Se chego, corre ao meu encontro, pula nos meus braços, põe a cabeça no meu pescoço, cheira ou beija. Se vou sair, não me

permite, senão quando você for embora para sua casa, como pronunciou.

Com a vovó desenvolveu pergunta e resposta ao se despedir. Ela – *Eu te amo, e tu? Você – Eu também te amo!*

Surpreendeu-nos em sua casa, quando brincava com um carrinho sonoro e controle remoto e ela disse: *“Esse carro é doido!”* E você: *“Doida é tu!”* Na despedida, ela o desafiou: *“Eu vou embora, você me chamou de doida.”* Ao que você contornou: *“Tu é doida por mim!”*

Meu pequeno, que os caminhos se abram pra você. Muito haverá de descobrir. Faremos o nosso melhor.

Findo com citações que expressam nosso entusiasmo, dedicação, carinho e propósitos para sua jornada:

- *“Onde há uma vontade... há um caminho.”* – provérbio inglês

As três últimas de *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry:

- *“Todas as pessoas grandes foram um dia crianças – mas poucas se lembram disso”;*

- *“Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz”;*

- *“Foi o tempo que dedicaste a tua rosa que a fez tão importante”.*

Tia Cacá,

Fortaleza, 20 de julho de 2023



FABULOSA CARTA DE UM VIRA-LATAS

Cara tutora Letícia,

Eu, Flok, me sinto muito feliz a teu lado, porém se me deixas sozinho em casa, aos cuidados de tua tia ou amiga, as quais amo também, não como ou bebo e me ponho a chorar. Incomodo teus avós e tia, teus vizinhos. Tu sabes que meu choro é sofrido: uivo.

Eu nasci um vira-latas, mas tu me adotaste bebê. Cresci com boa ração, vacinas, pés de galinha para me nutrir com colágeno, brinquedos, visita ao médico, fui castrado, tenho ossinho para limpar e fortalecer meus dentes, e fornecer a você um sorriso toda manhã, ao me espreguiçar na minha cama, sob meu cobertor, aos pés da tua cama. Ah, também fui adestrado e obedeço aos teus comandos.

No passeio à tarde, para minhas necessidades, no pasto da casa de teu avô, vejo meus outros tutores. Meu latido é forte, de alegria. Tu recolhes o que produzi, ou melhor, expeli. E na sala, deixo outro registro para a tia, meu pelo, que cai muito, mas não tanto que me faça perder as estampas e semelhança de um Dálmata.

Reflita quando quiser viajar e mudar minha rotina! Eu ficaria feliz em viajar também. Correr contigo na areia da praia, molhar minhas patas no mar, ou no frio

da serra me agasalhar, aos pés da tua cama, porque só ao teu lado, vendo minha tutora, sou feliz.

Eu não me sinto um vira-latas, aliás, nem conheço a rua, nem movimento algum que nela há, nem meus semelhantes de quatro patas. Lato bravamente para estes, todo garboso, preso à coleira, pelas suas mãos, minha tutora.

Assinado



Flok

Por **Regina Carla**

12/04/2024

Não sou mais, não sou mais
 Sou cansada e infante
 Embora conte, serenos,
 Dez lustros no semblante

POEMAS

Na vida tudo
 Porém muito a conquistar
 Irmãos, amigos, a quem ali
 Tem prazer em meu caminho

Nesta plêiade, faço menção
 Hoje, a aniversariar
 Amigo Antônio Falcão
 A quem quero reiterar

Votos de saúde e paz
 E a quem lhe define
 Em data de veras assaz
 Gratulário da filha Eça



PÁSSARO ÍNTIMO

Antônio Falcão

*Dentro de mim há um pássaro,
um fagueiro passarinho
que cuida, como dos vinhos
cuida o vinheiro no lagar.*

*Como é o seu cantar?
Bem, o seu cantar é qual viola
afinada e que estiola
as mágoas no peito meu
quando 'tá esquivo, fechado,
qual veia de terra dura
que só se cinde ao arado;*

*mas seu cantar também orna
quando a alegria a esse peito
chega de volta, retorna.*

*Meu pássaro, na madrugada,
me traz coisas do passado;
me lembra aquela amada;
me lembra a amiga, o amigo
(presente ou que já passou)
que trago sempre comigo,
guardado(a) com tanto amor!*

*Pois meu pássaro me ensina
que pessoa que me fascina
esquecer eu não consigo!*

*Vou seguindo, vou seguindo...
Do meu pássaro vou ouvindo
a saga de uma cantiga
escandinava que instiga
outro canto : os versos meus
que voam em meus dias claros
clareando os dias breus!*

*NOTA : Escrevi hoje e em saudade
de muita gente, da gente que me
me frequenta, esteja onde estiver,
como pássaros íntimos...*



RÉPLICA AO PÁSSARO ÍNTIMO DE ANTÔNIO FALCÃO

*Vou seguindo meu caminho
Que julgo saber cantar
Do vate leio pergaminho
De sua pena balouçar*

*Versos, cantos, do íntimo “mina”
Dotou-o, a natureza, o quinhão
De poeta ou ave peregrina?
Seria Fênix, Águia ou Falcão?*

Regina Carla

06/05/2021



**O MEU ANIVERSÁRIO
(E O DE ECATHERINE, MINHA FILHA)**

Antônio Falcão

*Não sou mais, não sou menos
Que um humilde e pequeno.*

*Por benevolência de Deus,
De um José e de uma Maria,
Eu vim num mês de Agosto
E no vigésimo terceiro dia*

*À luz da Vida e do Mundo
Para ser este Antônio,
De viver tão compartilhado
Entre o real e o sonho.*

*Para viver em claridades,
Com intervalos de escuros,
Ora, certo, palmilho chãos;
Ora, errante, vagueio em muros.*

*De verdes a maduros anos,
Rumo para o entardecer,
Mas só Ele sabe o quanto
Do ainda que vou viver.*

*(A Vida ! O que é Vida?
Defino como um amplo palco
Com dois astros na ribalta:
A Lágrima, presente atriz;
O Riso, ator que não falta.)*

*Na Vida não se tem tudo,
Mas não vou queixar de nada;
Há vários caminhos abertos
E poucas portas fechadas.*

*Se enfrento na caminhada
Os capitéis de espinho,
Me acoberto de alívios
Nos solidéus de carinho.*

*Eu preciso da família,
De quem sempre precisei,
E de amigos e amigas,
Precisamente de vocês!*

*Celebrando mais um marco
Do meu vital itinerário,
Comungo com todos e todas
O meu dia de aniversário.*

*E além do meu natalício,
Festejo um fato sublime:
Hoje também aniversaria
A minha filha Ecatherine.*



SAUDAÇÃO DE PARABÉNS A ANTÔNIO FALCÃO

Regina Carla

“Não sou mais, não sou menos”

*Sou canosa e infante
Embora conte, serenos,
Dez lustros no semblante*

*Na vida não temos tudo
Porém muito a conquistar
Irmãos, amigos, a quem aludo
Com prazer em meu caminhar*

*Nesta plêiade, faço menção
Hoje, a aniversariar
Amigo Antônio Falcão
A quem quero reiterar*

*Votos de saúde e paz
E a quem mais lhe define
Em data deveras assaz
Natalício da filha Ecatherine.*

23/08/2021



A VIDA COMO DANTES

In memoriam a Danthon Mesquita Gomes

+10/10/2023

*Mãe, Maura,
Deste ao filho teu amor
Desde o ventre ao sol se pôr*

*Vinte e seis anos
E mais o faria
Por melhores planos
Sua vida lhe daria*

*Seus braços foram porto
Na doença ou na saúde,
Ou se por alegria absorto*

*A mãe enternecida
O filho, a tez enrijecida
Com o terço sobre as mãos
Entregou-o a Maria*

— ✦ —

LUCIANA SOUSA



Francisca Luciana Sousa da Silva, ou simplesmente Luciana Sousa, é natural de Fortaleza-CE. É professora, revisora e, eventualmente, poeta e atriz, com formação pelo Curso de Princípios Básicos de Teatro do Teatro José de Alencar, em 2021. Também integrou o elenco da radionovela *A Eneida é uma fanfic*, dirigida por Isadora Ramalho, do canal Latim Ordinário.

Tem experiência nas áreas de Língua Portuguesa, com ensino e revisão de texto; Literatura e Artes, com ênfase em Mitologia Comparada e Contação de Histórias (trabalho voluntário nos projetos Histórias por Telefone do Rio e do Ceará durante a pandemia de Covid-19 em 2020).

Atualmente participa do Grupo de Estudos da Língua de Eros (GELE), vinculado ao PPGLetras-UFC, do clube de leituras cecilianas Vaga Música (BH) e também do Filmes e Livres De_lícia (@filmes e livros de_lícia). Tem poemas publicados nas seguintes antologias: XX Prêmio Ideal Clube de Literatura - Prêmio José Telles - Destaque (2018), Antologia do Festival da Poesia de Fortaleza - II Edição (2019), 2 Prêmio Literário Afeigraf 2020. Outros poemas no Portal Fazia Poesia (<https://faziapoesia.com.br/>). Foto: Biblioteca Pública Municipal de Cascavel. Arquivo pessoal.



REGINA CARLA



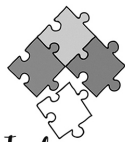
Regina Carla Campos, um ser em construção.

Cearense, natural de Pereiro/CE, bancária aposentada da Caixa Econômica Federal, formada em Serviço Social. Coursou Música na UECE por 5 anos. Neste período iniciou estudo de canto lírico com Mirella Cavalcante.

Gravou dois CD, para família e amigos, intitulados Lembranças e Encontro de gerações: tio e sobrinha. Este em parceria com Dedé Martins. Tornou a estudar canto lírico, desta feita com o professor Giorgi Gelashvili, e canto popular com o amigo, parceiro musical, Sérgio Nunes.

Participa de festivais de música de empregados da Caixa. Obteve êxito no primeiro lugar regional, 2019 e 2022.

Na literatura, participou da coletânea Mulheres, Velas e Poesias, do coletivo Mulherio das Letras Ceará, 2023.



Integrar

Fortaleza - Ceará

2024

